

LEITURA DE HIPERTEXTOS: ESTUDO DE CASO COM LEITORES QUE NAVEGAM SEM LER OU LÊEM SEM NAVEGAR

Ana Elisa RIBEIRO¹

RESUMO

Com base nos conceitos de letramento, sistema de mídias e mídias mosaíquicas e apoiado em uma concepção de hipertexto não exclusivamente digital, este trabalho mostra a relação de um grupo de leitores com a leitura de jornais impressos e digitais. O estudo foi desenvolvido com alunos do primeiro período do curso de Enfermagem de uma instituição privada de ensino, em Belo Horizonte. A partir do perfil de leitores gerado por questionários, 23 alunos foram selecionados para fazer testes com os jornais Estado de Minas e O Tempo. Estes estudantes foram divididos em três grupos: leitores de jornais impressos, de jornais digitais e não-leitores de jornais. O Estado de Minas e O Tempo foram analisados quanto à usabilidade e ao design gráfico. As habilidades de leitura foram medidas a partir de questões propostas com base em descritores da matriz de Língua Portuguesa do Saeb. Os dados gerados mostram que bons navegadores podem se mostrar leitores fracos, assim como bons leitores podem se mostrar maus navegadores. A relação entre saber gerenciar o objeto de ler e as habilidades leitoras não se mostrou direta. Conclui-se que a leitura se constrói a partir de uma sobreposição complexa de habilidades. Embora seja importante que o leitor desenvolva letramentos vários, é possível apresentar habilidades assimétricas em relação a diferentes aspectos da leitura, sendo um deles os procedimentos ajustados ao objeto de ler.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Letramento; Legibilidade; Jornalismo digital.

Considerações iniciais

Primeiro de pé, com o rolo nas mãos, desfiando o texto em direção horizontal; depois, em recinto fechado, folheando um códice pesado e grande; mais tarde, ao ar livre, absorvido por um livro portátil. Atualmente, é possível ler sentado, com as pernas encolhidas sob um teclado e olhos seduzidos pela luz do monitor. Todos esses gestos, embora se tenham tornado possíveis com o passar do tempo, não se excluíram necessariamente. O que se quer dizer, portanto, é que, cumulativamente, o leitor atual

¹ CEFET MG, Coordenação de Língua Portuguesa, Laboratório de Pesquisa em Leitura e Cognição. Endereço: Av. Amazonas, 5253, Nova Suíça, 30 480 – 000, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. anadigital@gmail.com

conhece mais práticas de ler do que um leitor de séculos atrás. Não apenas por isso, é possível afirmar que, claramente, não existe *um* leitor. Existem leitores (em um) que aprendem gestos e habilidades ao longo dos tempos, em contato com práticas configuradas pela convergência de técnicas e dispositivos dos quais o leitor usufrui. Esse usufruto, no entanto, é *aprendido*. Cada objeto de ler é apropriado pelo leitor, que aprende uma espécie de “protocolo”², seqüências mais ou menos rígidas de leitura de textos (em objetos). Nos dias de hoje, o leitor dispõe, ao menos potencialmente, de mais dispositivos para ler e de mais modos de fazê-lo do que jamais antes na história da humanidade, incluindo-se aí modos híbridos, genealogicamente ligados a outros (BOLTER; GRUSIN, 2000; SNYDER, 2001).

Uma das questões que mais parece inquietar pesquisadores da comunicação e da lingüística é em que medida novas práticas de ler e escrever afetam/alteram/influenciam a cognição do novo leitor. Neste artigo, pretendemos apresentar, brevemente, os resultados de uma pesquisa cujo intento foi responder a questões relativas às estratégias (e táticas) de leitores pouco letrados, especialmente na leitura de jornais.

Conceitos importantes

Se há um conceito do qual é imprescindível tratar neste trabalho é o de *letramento*. Juntamente com ele, o de *agência de letramento*, assim como a compreensão inequívoca de que existem *práticas de leitura*, em um *sistema de mídias* cada vez mais complexo. Segundo Briggs e Burke (2004), o *sistema de mídias* é um regime em que o leitor/usuário se apropria muito lentamente das técnicas recém-chegadas, nem sempre para substituir outras.

² Soares (2002) menciona os “protocolos de leitura” como uma possibilidade criada pela progressiva organização dos textos, ao longo da história do livro, em partes, capítulos, páginas, etc.

Pensar em termos de um sistema de mídia significa enfatizar a divisão de trabalho entre os diferentes meios de comunicação disponíveis em um certo lugar e em um determinado tempo, sem esquecer que a velha e a nova mídia podem e realmente coexistem, e que diferentes meios de comunicação podem competir entre si ou imitar um ao outro, bem como se complementar. (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 33)

No início da Idade Média, nosso *sistema de mídias* contava com poucas opções. O leitor da atualidade dispõe de mais formatos de texto, em suportes mais diversos do que o leitor medieval. Se alguns conflitos desapareceram, outros surgiram. Do ponto de vista do leitor, as práticas também se alteraram. E para aqueles com quem isso ainda não aconteceu, ao menos podem saber que os horizontes certamente se alargaram.

O *letramento* está relacionado aos usos efetivos que as pessoas fazem da alfabetização que tiveram (SOARES, 2003). Os diversos espaços que orientam as práticas de indivíduos e comunidades para letramentos diversos são chamados de *agências de letramento*. Pessoas e comunidades podem ser letradas em espaços diversos e por meio de práticas as mais distintas. A partir de agências as mais diversas, um leitor pode se tornar letrado em vários níveis, que são o que Kleiman (1995) e Tfouni (2004) chamam de *graus de letramento*. Não há um limite para o letramento uma vez que a humanidade sempre inventará formas novas de escrever, novos gêneros de texto, suportes de leitura, etc., de acordo com as infinitas necessidades que temos e teremos. A Internet e as máquinas digitais estão entre nossas opções mais recentes. A relação entre os dispositivos para a comunicação foi

recentemente reconfigurada. Conseqüentemente, as possibilidades e as exigências do letramento, também.

Letramentos, leitura de jornais e hipertextos

Uma das características mais importantes e mais debatidas do hipertexto é a não-linearidade de sua arquitetura, que enseja a ação não-linear de leitura pelo “usuário”. No lugar do texto apresentado em larga coluna na página ou mesmo em colunas paralelas, o texto apareceria em blocos menores, apenas parcialmente aparentes. Cada bloco seria o começo (ou o fim) de outro e entre eles haveria um acesso possível (ou vários), o link.

Esse modo de produzir textos, em que o leitor vê uma face da obra, mas não tem acesso direto às outras, desencadeia uma discussão que já data de décadas. É possível encontrar quem defina o hipertexto por essa característica e quem diga que isso já existia muito antes de os computadores serem inventados. A não-linearidade é, para alguns, uma premissa. Para outros, ela não basta. É necessário ter outras características, como, por exemplo, estar em ambiente digital (Para citar alguns, XAVIER, 2004 e SOARES, 2002). Trata-se de uma respeitável escolha teórica, da qual não compartilhamos, embora a idéia de que há reconfigurações nos objetos e nas leituras nos seja cara.

Outros tantos pesquisadores preferem considerar, genealogicamente, como Bolter e Grusin (2000), que hipertextos já existem há quase um milênio. Para estes, sumários e notas de rodapé levam o leitor à navegação e podem ser a realização primária dos links, já que, funcionalmente, acionam não-linearidades num texto, mesmo estando ele em papel (p. ex. LÉVY, 1993; CHARTIER, 2001a e 2001b).

A perspectiva daqueles que entendem que os hipertextos já existiam em meios anteriores aos digitais permite trabalhos como o de Silva (2002), que responde afirmativamente à pergunta: O jornal é hipertexto? Citando Marcuschi, a autora defende a hipertextualidade como uma “estratégia de organização textual, já que muitos gêneros podem aparecer num formato hipertextual”. A primeira página do jornal impresso é exemplo de texto descontínuo, índice de páginas internas, “segmentos textuais conectados”. Considerando as chamadas de primeira página como links (embora de natureza não-digital), é possível considerar que “o leitor de jornal, à semelhança do ‘navegador’, pode definir o fluxo de sua leitura, sem se prender a uma seqüência típica” (SILVA, 2002). “O texto jornalístico também se apresenta de forma fragmentária, se levarmos em consideração que a própria diagramação do jornal é uma espécie de ‘colcha de retalhos’, constituída por estruturas temáticas bem diversificadas” (SILVA, 2002).

Os jornais têm a forma de um mosaico, em que o leitor seleciona o que quer ler e concebe uma ordem de leitura a partir de necessidades e preferências. Para Santaella (2004), citando Holtzman (1997, p. 30-31. Grifos nossos), “o movimento para a expressão alinear, que caracteriza a hipermídia, não emergiu do nada. Seus primeiros sinais já se deram em 1844, quando da invenção do telégrafo, que catalisou o desenvolvimento das *mídias mosaiquicas* (expressão cunhada por McLuhan), *de que o jornal foi um dos primeiros exemplares*”.

Ler um jornal pressupõe a aprendizagem de gestos descontínuos e seletivos. Com a prática, o leitor ganha habilidades que outros suportes dispensam: escanear a primeira página, observar numeração, saber o que é principal e o que é secundário na diagramação da notícia, relacionar o texto lido hoje a outro anterior.

Métodos e instrumentos de pesquisa

Pensamos ser possível, a partir das discussões aqui geradas, construir uma investigação em que os grupos de leitores possam dar uma idéia de tipicidade no comportamento de leitores pouco hábeis de jornais em ambientes impressos e digitais.

Os leitores consultados para esta investigação eram alunos dos primeiros meses do primeiro período letivo do curso de Enfermagem de uma instituição privada em Belo Horizonte. Por se tratar de um curso que atravessava um momento de grande procura, os alunos do primeiro período eram muitos, grande parte deles oriunda de camadas desfavorecidas da sociedade, com baixo grau de letramento.

Por meio de um questionário, desenhamos o perfil de 144 estudantes, dentre os quais convidamos 30 alunos para participar dos testes de navegação/leitura, de acordo com os seguintes perfis: Grupo 1 - Leitores de jornais impressos, mas não de digitais; Grupo 2 - Leitores de jornais digitais, mas não de impressos; Grupo 3 - Não-leitores de jornais. De fato, 23 executaram os testes. Os grupos 2 e 3 tinham, respectivamente, 7 e 5 representantes. O grupo 1 tinha 11 estudantes.

Os jornais escolhidos foram Estado de Minas e O Tempo, que dispõem de versões na Internet. Pela classificação de Mielniczuk (2001), estes jornais não podem ser considerados webjornais. Isso se deve ao fato de que, embora ambos sejam mais do que simples transposições³, encontram-se em um estágio em que empregam links e certa interatividade, mas não chegam a ser ambientes completamente divorciados de seus projetos impressos.

³ Apenas para retomar a discussão, Mielniczuk (2001) e outros autores propõem uma espécie de categorização para os modos de fazer jornalismo surgidos na Internet, a partir de experiências com o novo ambiente. Jornais “transpositivos” seriam aqueles que apenas migram suas notícias do impresso para o meio digital, sem se apropriar de qualquer possibilidade que o novo meio ofereça (interatividade, customização, memória, etc.). Jornais “metafóricos” se apropriam um pouco mais do novo ambiente, mas continuam a se planejar sob a metáfora do impresso. Os webjornais, sim, seriam feitos para a Internet.

Nesta pesquisa, trabalhamos com jornais impressos tradicionais e suas versões de Internet consideradas “metafóricas” ou “perceptivas”, uma vez que não dispõem de características webjornalísticas e nem propriamente sejam transposições simples de jornais impressos. Em 5 de agosto de 2006, compramos a versão impressa de cada um dos jornais e fizemos a captura de suas versões digitais em CD. Os leitores poderiam manipular os jornais em papel e em tela da mesma forma, em ambientes autênticos. De posse desse material, planejamos as tarefas de navegação e os textos para leitura.

Os jornais impressos e digitais

Os jornais que utilizamos na pesquisa apresentam primeira página em mosaico, com chamadas para matérias internas. A manchete ocupa o lugar mais saliente na página e as demais notícias se compõem em laterais, embaixo, em pontos mais ou menos visíveis pelo leitor. Outras características podem ser descritas conforme Quadros 1, 2 e 3:

QUADRO 1. Descrição do jornal

	Estado de Minas	O Tempo
Leiaute	Tamanho standard, com fotos e cores	Tamanho standard, com fotos e cores
Cadernos	7 - Primeiro, Gerais, Informática, Cultura, Classificados, Esportes e Imóveis	3 – Primeiro, Cidades e Magazine
Numeração	OK	Alfanumérica
Tipo de capa	Mosaico	Mosaico

Para fazer o percurso de leitura das notícias, é necessário conhecer o protocolo de navegação do jornal diário, saber a função de mosaico da capa, fazer associação do tipo de notícia à editoria mais pertinente, buscar a numeração (função hipertextual) e manipular o jornal, observando cadernos e numeração. Para encontrar a notícia exata,

ainda é necessário fazer a conversão do título que ela tem na capa do jornal para o título que ela apresenta internamente.

QUADRO 2. Posição da notícia no Estado de Minas

	Inflação de BH é 10 vezes maior	Zoonoses em más condições
Página caderno	14 do Primeiro	23 do Gerais
Posição na capa	Manchete	Topo com foto e legenda
Título interno	Inflação de BH é a maior de novo	Saúde de agentes sob ameaça
Zona	saliente	“morta” ⁴ compensada por fundo laranja

QUADRO 3. Posição da notícia n’ O Tempo

	Pedestre se arrisca em obra na Antônio Carlos	DRT encontra 24 homens em regime de escravidão
Página caderno	B5 Cidades	B6 Cidades
Posição na capa	Direita embaixo, com foto grande	Direita embaixo, sem foto
Título interno	Pedestre sofre com obra na Antônio Carlos	DRT flagra 24 homens em regime escravo
Zona	Saliente, com foto	“morta”

Para que o leitor chegasse até a notícia solicitada, consideramos estratégico:

1. Escanear a primeira página; 2. Encontrar a chamada e a indicação de numeração de página interna; 3. Manipular o jornal até chegar à página indicada na capa; 4. Encontrar e ler a notícia.

O Estado de Minas digital apresentava a mesma hierarquização de notícias do impresso. A navegação do jornal dependeria de o leitor escanear a página inicial (*home*) em busca das chamadas. Isso implica mover a barra de rolagem do site. Daí em diante, ao identificar a chamada da notícia, era necessário clicar no link para ter acesso ao texto integral.

⁴ Conforme nomenclatura de Collaro (2000).

No jornal O Tempo, a notícia sobre as obras na avenida Antônio Carlos mantinha posição semelhante à do impresso, com a mesma foto. Já a notícia sobre o trabalho escravo em Minas Gerais não existia na página inicial. Isso poderia representar um embaraço para o leitor, que deveria ir à editoria mais pertinente, no menu à esquerda, e procurar por chamadas internas.

Seleção de textos jornalísticos

As notícias que utilizamos na pesquisa eram idênticas às publicadas em versões impressas. Escolhemos duas notícias de cada jornal, ambas relacionadas a fatos do cotidiano da cidade de Belo Horizonte, onde todos os estudantes residiam, trabalhavam ou estudavam. Dessa forma pensamos minimizar problemas gerados pela falta de conhecimento prévio ou informações compartilhadas. Os critérios de seleção dos textos foram: Tamanhos semelhantes em ambos os jornais, para que não houvesse demora excessiva nos testes e nem discrepância entre as tarefas; Notícias das páginas internas com chamadas na primeira página; Na primeira página, as chamadas deveriam estar posicionadas em zonas de diferentes importâncias e graus de legibilidade (visibilidade); Temas do cotidiano da cidade; Notícias com fotos e legendas; Matérias bem-escritas⁵.

Tarefas de navegação e ambiente de pesquisa

Os testes foram feitos na sala de Ensino à Distância da instituição, onde dispúnhamos de microcomputador, plataforma Windows, utilizando o navegador Explorer. As versões impressas estavam à disposição dos leitores em cima de uma mesa. A estrutura para gravação em áudio e vídeo constituía-se de câmera de vídeo

⁵ Conforme pesquisa de Liberato e Fulgêncio (2007), procuramos selecionar textos com vocabulário simples, estruturas sintáticas diretas e compostas por frases curtas, entre outros parâmetros de legibilidade.

parada, em tripé, registrando imagem aberta do leitor e do computador; câmera de mão, que forneceria detalhes; gravador de áudio e microfone.

Cada estudante recebia duas tarefas. O leitor seguinte recebia as mesmas tarefas, com textos e ambientes trocados, de maneira que pudéssemos avaliar as navegações de todos os textos em ambientes diferentes por todos os participantes. A exigência da tarefa proposta aos leitores não era alta: encontrar, na primeira página do jornal, impresso ou digital, uma chamada e adentrar pelo suporte em busca da matéria completa. Cada leitor cumpriu, de alguma maneira, a tarefa proposta e, quando encontrou o texto solicitado, pôde sair da sala do Ensino à Distância para responder à folha de questões de leitura.

Protocolo verbal

O jornal impresso completo, fechado e dobrado foi entregue aos leitores. Enquanto navegava pelo jornal impresso (considerando o percurso feito em busca de uma notícia, da capa à página interna), solicitamos ao leitor que narrasse as ações que executava. Esse *protocolo verbal* foi gravado em áudio e vídeo e, posteriormente, transcrito. As imagens foram cotejadas com as transcrições e os textos puderam ser complementados com a descrição de gestos e reações. O mesmo foi feito durante a leitura de textos digitais.

Brown e Rodgers (2002) chamam esse tipo de método de *introspectivo*, já que tenta obter dos informantes seus modos de raciocínio por meio do relato oral. Pressley e Hilden (2004) consideram o método bastante útil e confiável, desde que alguns cuidados sejam tomados pelo pesquisador: explicação simples da tarefa, sem muita orientação; evitar a interrupção do processo para que o leitor não modifique o fluxo normal de leitura; adequação do texto lido à competência leitora do informante.

A modalidade de protocolo verbal utilizada neste trabalho dá a oportunidade de os leitores falarem sobre o que estão fazendo no instante da atividade, sem atraso, hesitação ou necessidade de memorização. No entanto, a gravação em vídeo nos proporcionou a maior parte dos dados para análise. Notamos que os informantes tinham grande dificuldade de manter o protocolo verbal à medida que manipulavam os textos, tanto no material impresso quanto no digital, pois, à medida que encontravam dificuldades, passavam a dispensar atenção a apenas uma das ações.

No vídeo, pudemos registrar o modo como os leitores lidavam com mouse, cliques, teclado, tela, etc. e como olhavam a tela, subvocalizavam, além de suas expressões e gestos. Cada leitor forneceu à pesquisa um protocolo verbal de navegação para jornal impresso e um protocolo para jornal digital.

Os testes de leitura

Após a navegação, cada leitor respondeu a um teste de compreensão que tinha como referência as matrizes do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). A Matriz de Referência de Língua Portuguesa volta-se “para a função social da língua” e privilegia as habilidades de leitura. Para isso, busca aferir o conhecimento dos leitores em “diferentes níveis de compreensão, análise e interpretação”. Em relação ao teste de Língua Portuguesa, “os descritores têm como referência algumas das competências discursivas dos sujeitos, tidas como essenciais na situação de leitura” (BRASIL, 2007).

As habilidades focalizadas nesta pesquisa foram: (D1) Localizar informações explícitas em um texto; (D2) Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto; (D11) Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do

texto; (D17) Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações⁶. Somamos às tarefas de nosso experimento a produção de um resumo escrito.

Resultados e discussão

Os 11 estudantes que declararam ser leitores apenas de jornais impressos não apresentaram comportamentos discrepantes quando mudaram de um ambiente de leitura. Em sua maioria, mostraram-se safos quando lidavam com jornais digitais, exceto quando dependem de máquinas de busca, que não sabem utilizar. Outro indício de que conheciam o objeto de leitura com que lidavam era o relativo conhecimento da nomenclatura utilizada para as partes do jornal. Ribeiro (2003) já havia mostrado a relação entre o letramento e o conhecimento da nomenclatura utilizada para seções e editorias.

A estratégia de dirigir-se diretamente ao caderno mais pertinente parece importante para a maioria dos leitores deste grupo. Três padrões de comportamento emergiram das leituras: desde o leitor que escaneia primeiras páginas (no papel ou na tela), passando pelo que procura cadernos e editorias diretamente, até aqueles que preferem folhear (ou navegar a esmo) até encontrar a notícia. Não se pode dizer, no entanto, que haja alinhamento entre as ações do mesmo leitor no papel e na tela. Há quem escaneie papel e prefira selecionar abas no jornal digital e há quem faça o contrário.

O segundo grupo é formado por estudantes que se declararam leitores apenas de jornais digitais e diziam ter pouca experiência na leitura de impressos. Mostraram

⁶ Matriz disponível em <<http://www.inep.gov.br/basica/saeb/caracteristicas.htm>> acesso em 7.6.2007.

desembaraço com os objetos de ler, tanto impressos quanto digitais. Pareceram-nos mais afoitos em relação às máquinas de busca e menos refinados em suas pesquisas.

As operações dos leitores do primeiro grupo (leitores de impressos) e as dos estudantes do grupo 2 não parecem muito diferentes entre si. O ambiente de leitura em que os estudantes atuam parece fazer pouca diferença em relação às opções que selecionam. No entanto, é possível divisar um “vício” maior dos leitores do grupo 2 em relação às máquinas de busca, assim como um embaraço maior com relação ao conhecimento da interface mosaíquica. No grupo 2, foi mais comum que os estudantes optassem por folhear o jornal quando se davam conta de que não conheciam o mecanismo de procura dos impressos. Nenhuma procura em máquinas de busca deu certo nestes casos. Os estudantes conhecem trajetos possíveis para ler jornais, mas nem sempre optam pelos mais rápidos. De qualquer forma, vão fazendo tentativas que terminam por, em sua maioria, levá-los à notícia solicitada.

O grupo 3 é formado por estudantes que declararam não ler quaisquer jornais, em ambiente algum. Nossa hipótese era a de que não demonstrariam intimidade com a interface hipertextual e se embaraçariam mais do que os leitores dos grupos 1 e 2. No entanto, o grupo 3 comporta desde estudantes que cumpriram as tarefas propostas e apresentaram alguma noção da leitura em composições mosaíquicas, até estudantes que se mostraram bastante distanciados do processo de ler hipertextos, tanto faz se em papel ou em tela. Têm alguma noção dos protocolos projetados e não chegam a se mostrar completamente alheios à maneira como se procede na busca por uma notícia. De fato, o grupo 3 foi o que mais apresentou leitores com dificuldades de cumprir a tarefa solicitada, mas também foi o único em que os estudantes sentiam muita necessidade de se explicar, de “pedir desculpas” pela pouca habilidade com as interfaces.

O trajeto proposto pela pesquisa, que parecia tão pouco exigente, agora mostra que as nuances entre os leitores, mesmo para cumprir algo tão simples, são muitas, e todas elas dependem de experiências de leitura e de letramento das quais nem mesmo os próprios leitores têm consciência.

Leitura e compreensão dos textos

Os estudantes também se submeteram ao teste de habilidades de leitura de notícias. Começando a análise pelo Descritor (D1), que trata da localização de informações explícitas em um texto, todos os testes de leitura, referentes aos 4 textos de jornais nos dois ambientes (impressos e digitais), foram respondidos adequadamente pelos estudantes.

O Descritor 2 propõe a verificação da habilidade de estabelecer relações entre partes de um texto. Trata-se, neste caso, da geração de uma inferência. Entre os 11 leitores do Estado de Minas, 10 responderam corretamente à questão. Com relação ao texto “Zoonoses em más condições”, 9 informantes foram considerados hábeis.

Dos 9 leitores do jornal O Tempo, 8 responderam satisfatoriamente à questão proposta para o texto “Pedestre se arrisca em obra na Antônio Carlos”. Em relação ao texto “DRT encontra 24 homens em regime de escravidão”, dos 9 leitores de O Tempo, apenas 4 deram resposta satisfatória. Os demais estudantes apresentaram respostas evasivas ou não resolveram a questão.

Verificar se o leitor é capaz de relacionar partes do texto e construir relações de causa e consequência (D11) foi habilidade em que os estudantes demonstraram um pouco mais de embaraço.

O Descritor 17 trata do reconhecimento de efeitos de sentido construídos a partir de usos da pontuação e do emprego de notações, tais como negrito, itálico,

parênteses e aspas. No caso das notícias de jornal, decidimos pela questão do uso das aspas como marcação de vozes diferenciadas no texto. Em geral, o emprego das aspas em notícias marca os depoimentos das fontes, tais como pessoas envolvidas no caso, autoridades, especialistas. É importante mencionar que, à medida que os testes são feitos, percebe-se que uma habilidade está vinculada à outra, numa espécie de hipertexto que auxilia muito o leitor na produção de sentido. A habilidade verificada aqui está intimamente relacionada a outras, tais como distinguir fatos de opiniões e perceber opiniões diferentes no texto. É o que ocorre nos textos do Estado de Minas e do O Tempo. As respostas consideradas adequadas eram, para todos os casos, a marcação de depoimentos de fontes ou a diferenciação da voz do narrador e de outras pessoas, depoimentos, etc.

Dos 11 leitores do Estado de Minas, para o texto sobre a inflação em Belo Horizonte, 6 responderam corretamente à questão. Os 5 leitores que não deram respostas satisfatórias incorreram no engano de não focalizar o ponto correto do uso das aspas, embora pudessem indicar outros usos dessa notação.

Sobre a notícia “Zoonoses em más condições”, 7 leitores do Estado de Minas identificaram função correta para o emprego das aspas, enquanto outros 4 leitores foram considerados pouco hábeis. Os textos do jornal O Tempo, em relação a D17, foram os que mais apresentaram problemas. Não apenas porque os leitores (ao menos alguns deles) se mostrassem pouco habilidosos com o reconhecimento de funções das aspas em notícias, mas também porque a diagramação do texto no jornal impresso promoveu uma confusão para o leitor pouco letrado.

Com relação ao texto sobre as obras na avenida Antônio Carlos, dos 9 leitores de O Tempo, apenas 2 deram respostas consideradas satisfatórias, apontando o uso de

aspas para marcar depoimentos e vozes diferenciadas da do jornalista. Os demais participantes ofereceram respostas incorretas.

Em relação ao texto sobre os trabalhadores em regime de escravidão, dos 9 leitores de O Tempo, a confusão se desfez para 6. Apenas 3 confirmam alguma dificuldade em perceber com clareza o uso de aspas no texto.

Analisando a matriz de Língua Portuguesa do Saeb, consideramos problemática a ausência de um descritor que verificasse a habilidade de compreensão mais global do texto. Por isso, propusemos um resumo da notícia. Nossa avaliação utilizou critérios como: a) se as linhas principais da narrativa do texto original apareciam no resumo; b) se o estudante distinguia elementos principais de secundários; c) se a hierarquia das informações do resumo vinha “colada” ao texto original ou se havia melhor elaboração; d) se havia pertinência entre o lido e o texto (ausência de “achismos”, opinião pessoal, tendência à digressão).

A habilidade que queríamos verificar está intimamente relacionada a descritores mais específicos, quais sejam: D5, D6, D7, D8 e D9. Estes descritores tratam de habilidades tais como identificar o tema e a tese de um texto, sendo capaz de distinguir argumentos e/ou perceber partes secundárias e partes principais. A maioria dos estudantes mostrou-se hábil para produzir resumos das notícias, no entanto, foi notável a diferença entre sumarizações em que o leitor reformulava a macro-estrutura textual, mostrando-se capaz de fazer inferências e, de fato, compreender o texto, até as sumarizações em que o leitor não conseguia se descolar de repetições literais (ou quase) do texto original.

Todos os leitores de O Tempo, impresso e digital, deram respostas satisfatórias. A notícia do EM sobre o setor de zoonoses da Prefeitura de BH gerou bons resumos, assim como os textos do jornal O Tempo. Leitores em contato com a

notícia sobre trabalho escravo apresentaram boas propostas de resumo. Aqui, é possível notar alguma correlação entre o grupo (leitores de jornal impresso) e o desempenho na sumarização.

Considerações finais

Os dados gerados pelas leituras dos estudantes parecem sugerir que a diferença de desempenho de leitura não está relacionada ao contato com os textos em ambiente impresso ou digital. O fator que parece preponderante é a dificuldade oferecida pelo texto, pelo reconhecimento de aspectos lingüísticos e pela composição das notícias, pela composição dos textos nas páginas, especialmente dos impressos, e pelo letramento maior ou menor dos estudantes. Leitores que declaravam experiência de letramento mais densa apresentaram desempenho melhor na navegação dos objetos de ler e se mostraram mais hábeis na leitura. Os leitores com melhor desempenho no alinhamento dos testes se encontram entre aqueles que declararam já acumular certa experiência com interfaces impressas do que os outros.

Os grupos de leitores de impressos, de digitais e não-leitores não apresentaram comportamentos homogêneos por “categoria”. Tanto há aqueles que declararam ler muito e demonstraram pouca habilidade com interfaces e textos, quanto houve quem se dissesse inexperiente e até incapaz de ler jornais, mas, na realidade, apresentasse boas e eficazes soluções para navegar e ler.

Os testes mostram que não há dificuldades de leitura peculiares a um ou a outro perfil de leitor. Também não há características negativas ou positivas mais associadas a quem lê em papel ou em tela. Não-leitores, de modo geral, parecem explorar as interfaces que têm diante de si, mesmo não demonstrando intimidade com

elas. O que se pode colocar em dúvida é até que ponto esses leitores têm consciência de seus graus de letramento, inclusive o digital.

As habilidades para lidar com a interface e as habilidades propriamente de leitura (lingüísticas) devem ser acionadas concomitantemente. Estamos falando, então, de tipos de letramento sobrepostos. As pessoas podem desenvolver mais uns do que outros. Se desenvolverem e integrarem todos, porém, considerando muito mais aspectos, especialmente aqueles que a Lingüística insiste em chamar de “extralingüísticos” ou “extratextuais”, provavelmente terão mais chances de fazer leituras bem-sucedidas.

Resultados fracos nos testes de navegação não demonstram necessariamente resultados fracos nas habilidades de leitura e vice-versa. As combinações de letramentos são muitas e surtem efeitos também combinatórios. O que se quer dizer é que todo objeto de ler é complexo e composto por uma série de sobreposições tecnológicas às quais o leitor também responde (ou não) com outras sobreposições.

Em algum ponto das propostas de formação das agências de letramento (especialmente a escola), não se tem mostrado ao leitor em formação como operar interfaces, com honrosas exceções. Embora o texto, de preferência o bom texto, venha sendo assunto escolar, os objetos de ler nem sempre são. O texto retinto ou reticulado é surrupiado de sua circunstância sócio-histórica. Não é de hoje que as pessoas estudam textos fora das plataformas em que foram publicados: poemas sem livros, crônicas sem colunas, editoriais sem o restante do jornal. Notícias sem papel, blogs sem tela, chats sem seus aplicativos são como a pintura sem a tela.

Não parece haver nada de tão novo na leitura do hipertexto, ao menos em relação à ativação de habilidades de leitura necessárias em qualquer ambiente. Embora o projeto das interfaces tenha mudado, o leitor não parece acompanhar,

sempre, tais alterações. Mostra-se capaz de aprender a leitura em telas antes mesmo de se familiarizar com suportes de papel, assim como parece poder navegar sobre um mar de sentidos que ele não conhece; ou, ao contrário, chegar aos sentidos mesmo sem utilizar a bússola. Em um “sistema de mídias” aberto como o nosso, não faltará tarefa para o professor atento às configurações do letramento.

Referências bibliográficas

- BOLTER, Jay D.; GRUSIN, Richard. *Remediation*. Understanding new media. USA: MIT Press, 2000.
- BRASIL. O que é o Saeb? Sistema de Avaliação da Educação Básica. INEP, 2007. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/basica/saeb/caracteristicas.htm>>. Acessado em 7.6.2007.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BROWN, J. D. & RODGERS, T. *Doing second language research*. Oxford: Oxford, 2002. (Caps. 1, 2, 3).
- CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antônio Saborit*. Porto Alegre: Artmed, 2001a.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. 2 ed. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.
- COLLARO, Antonio Celso. *Projeto gráfico*. Teoria e prática da diagramação. 4 ed. São Paulo: Summus, 2000. (Novas buscas em Comunicação)
- LIBERATO, Yara; FULGÊNCIO, Lúcia. *É possível facilitar a leitura*. Um guia para escrever claro. São Paulo: Contexto, 2007.
- KLEIMAN, Angela B. (Org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade)
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. O futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 1993. (Coleção TRANS)
- MIELNICZUK, Luciana. Características e implicações do jornalismo na web. *II Congresso da SOPCOM*, Lisboa, 2001. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf> Acessado em dez. 2006.
- PRESSLEY, Michael; HILDEN, Katherine. Verbal protocols of reading. In: DUKE, Nell K; MALLETT, Marla H. *Literacy research methodologies*. New York: Guilford Press, 2004.
- RIBEIRO, Ana Elisa F. *Ler na tela – novos suportes para velhas tecnologias*. 2003. 112 f. Dissertação. (Mestrado em Estudos Linguísticos, Inter-relações entre linguagem, cultura e cognição). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

SANTAELLA, Lucia. Antecedentes da Alinearidade hipermediática nas mídias mosaíquicas. In: BRASIL, André et al. (Orgs.) *Cultura em fluxo: novas mediações em rede*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004a.

SILVA, Maria Stella Rangel. O jornal é um hipertexto?, *1º Seminário Nacional O professor e a leitura do jornal*, 2002. Disponível em <<http://www.acordeduca.com.br/ezequiel/comunicacoes/O%20JORNAL%20%C3%89%20UM%20HIPERTEXTO.htm>>. Acessado em 11.12.2006.

SNYDER, Ilana. A new communication order: researching literacy practices in the network society. *Language and Education*, v.15, n.2-3, p. 117-131, 2001.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação e Sociedade*, Campinas, v.23, n.31, p. 143-160, dez. 2002.

TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e alfabetização*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Questões da Nossa Época; v.47)